NEWS

Onde os ecrãs comuns desistem

O que os ecrãs têm de aguentar no parque de estacionamento e na garagem subterrânea.

3 de outubro de 2026, Tobias Engl



No parque de estacionamento e na garagem subterrânea reinam condições que castigam um ecrã. Lá fora, sol intenso, geada e chuva; cá dentro, gases de escape, sujidade, humidade e pouca luz. Um ecrã comum desiste aqui rapidamente. Um ecrã que domine este lugar é, antes de mais, uma questão de tecnologia.

Três coisas contam. A luminosidade tem de se adaptar: forte contra o sol do meio-dia, reduzida no piso escuro. A caixa tem de ser estanque ao pó e à humidade, robusta contra choques e vibrações. E o aparelho por trás do ecrã tem de funcionar sem ventoinha, que de outro modo aspiraria gases de escape e sujidade. É exatamente nisso que o ScreenWay aposta: num computador fechado e sem ventoinha, para funcionamento contínuo.

Com a tecnologia assegurada, o ecrã torna-se útil. À entrada, mostra quantos lugares estão livres e em que piso, alimentado pelos sensores da instalação. Setas conduzem ao lugar vago mais próximo, ao elevador e ao posto de carregamento. Quem entra não procura durante muito tempo, e o trânsito no interior mantém-se fluido.

O mesmo ecrã transporta mais do que números. Indica tarifas e horários de funcionamento, avisa quando uma saída está encerrada e mostra o caminho para o edifício, para o hotel, para os grandes armazéns, para a clínica. E ganha dinheiro com publicidade. Os dados de ocupação podem ser processados pelo ScreenWay no local, de modo que a

instalação continua a funcionar e a informar mesmo quando a ligação ao exterior falha por momentos.

O parque de estacionamento é a primeira e a última impressão de uma visita. Um ecrã que funciona aqui com fiabilidade, com qualquer tempo e em qualquer piso, transforma um momento muitas vezes penoso num momento ordenado.